

E-AULA E A REALIDADE PRÁTICA NA FORMAÇÃO REMOTA

LUCAS ANDERSON DE CARVALHO;
FRANCISCO LUIZ PEREIRA DA SILVA NETO

Universidade Federal de Pelotas – lohanandersson@yahoo.com
Universidade Federal de Pelotas – francisco.fpneto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Presente trabalho possui a intenção de demonstrar explorar as diferentes formas de interação que ocorrem durante os períodos de aulas a distância em turmas de graduação de diversos cursos a partir da observação empírica realizada em conjunto com a atividade de monitor ligado ao curso de graduação em antropologia.

Levando em consideração a atividade realizada durante um período de dois semestres (2021/1; 2021/2), e utilizando a observação empírica para demonstrar as nuances que se expressam nesse ambiente terei o principal objetivo de demonstrar algumas peculiaridades desse processo de transformação de um ambiente *online*, que até então era utilizado por lazer ou de forma esporádica, em um espaço de trabalho e de educação formal.

A partir das definições sobre o campo etnográfico no ambiente digital apresentadas por DI PROSPERO (2017), onde trabalha sobre o uso cotidiano da *internet* com a nomenclatura de “*web 2.0*”, assim como o trabalho no campo da educação sobre as diferentes formas de “literacia” que surgem no ambiente digital realizado por ANDRADE (2014), onde explica as diversas construções de conhecimento que os utilizadores de *internet* criam para se comunicarem dentro deste meio - podemos traçar paralelos sobre como ocorre a transição da *web 2.0* para a “*web 3.0*”, assim transformando a vida do indivíduo e ligando-a diretamente ao ambiente digital. Onde devido a tal processo, o ambiente digital e online ultrapassem somente a utilização recorrente (como somente uma ferramenta) para também uma atividade de importância para a construção pessoal e cognitiva de seu ser assim como também um meio ao qual pode adquirir e expressar diferentes formas de conhecimento descentralizado (ANDRADE, 2016).

Ao fazer uma comparação sobre a utilização diária casual/informal do meio digital e a utilização diária profissional/formal nota-se uma grande diferença sobre as características que envolvem as interação interpessoais dos indivíduos estabelecidos nesse meio, assim como a diferença das performáticas e do uso (ou não) das plataformas. Ou seja, há a necessidade de evidenciar as nuances dentro do processo de inclusão digital do ensino e a transformação súbita dos usuários que agora por conta das medidas de distanciamento graças ao período pandêmico acabam vindo por fazer parte de uma nova rede semântica para a continuação de suas trajetórias acadêmicas e profissionais. O uso da *internet* que antes era informal ou somente um “apoio” as atividades presenciais torna-se obrigatório e exclusivo. Mas por esse mesmo processo também acaba extremamente formalizado, graças as pressões percebidas por seus próprios usuários (REYNALDO; TORNAGI, 2012).

Devido a existência de tais diferenças, é necessário também entender que a atividade curricular/educacional realizada em ambientes *online* não pode ser considerada como um “mundo à parte” daquele da educação presencial ao qual a maioria de nós está acostumado. Há a necessidade de entender que o bom proveito



da educação a distância em meios digitais não é garantida somente pelo uso correto de suas tecnologias, mas que também vem com seus desafios e barreiras dentro da própria interação de seus usuários, independente de categorias hierárquicas.

2. METODOLOGIA

Durante os dois semestres de monitoria, onde as respectivas disciplinas sempre se davam no âmbito da antropologia, foram trabalhadas com turmas dos cursos de graduação de antropologia, história e ciências sociais. Todas as turmas apresentaram fenômenos similares de ação, participação e performática, mesmo estando em distintas áreas de estudos e em diferentes etapas de sua formação acadêmica. Levando em consideração tais interações dentro das ferramentas disponíveis no sistema e-aula da UFPEL, assim como interações ocorridas com alunos por fora devido a atividade de mediação exercida por mim. Podemos visualizar diferentes fatores presentes nas redes sociais que se formaram (*web 2.0*) assim como as diferentes formas de adaptação cognitiva e ações transmidiáticas (*web 3.0*) realizadas, juntamente com as dificuldades e diferenças das interações dentro de um ambiente *online* formalizado.

Todas as disciplinas foram ministradas utilizando uma similar estrutura dentro do sistema e-aula, onde era dividida por unidades, cada uma dessas possuindo um número específico de encontros síncronos, materiais de leitura e apoio, assim como em cada unidade havia um fórum e uma avaliação em grupo sobre o conteúdo trabalhado. Tais similaridades técnicas facilitaram a observação de como se diferenciavam as interações de cada turma, demonstrando onde se encontravam suas facilidades e fraquezas nas interações *online* de cunho acadêmico.

Organizando essas interações entre: *e-mails* diretos de provedor a provedor; mensagens por meios privados como *whatsapp* ou *discord*; e mensagens diretas pelo próprio sistema do e-aula assim como mensagens nos encontros síncronos e nos fórum – pude notar que havia várias dúvidas (ou até mesmo desconfortos) dentro de certos meios, enquanto outros se mantinham mais “leves” por falta de melhor palavra. Em síntese: notava-se nuances nas formas que os alunos se comunicavam, sua escolha sobre a forma ou meio (plataforma) que decidiam utilizar para interagir, assim como o modo ao qual organizavam suas interações. Tornando então o período de atividade não-presencial um terreno fértil para o estudo de como essas situações se desenvolvem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendendo que um dos principais fatores que diferenciam a *web 2.0* da *web 3.0* é a sua existência transmidiática (ANDRADE, 2014), podemos afirmar que a educação se movimenta para tal caminho ao analisar as formas de interações ocorridas. Por exemplo, disciplinas não eram ministradas somente com textos ou explicações mas também com vídeo e atividades em grupos. Em si só, essa adaptação não é exclusiva ao ambiente digital, mas mostra que assim como ocorre em um ambiente físico, os indivíduos adotam e criam diferentes maneiras de interagir com aquele meio devido a sua importância. A produção escrita e a aula síncrona agora necessitam dividir o pódio com postagens em fóruns e conversas informais (todas essas normalizadas na *web 2.0*), enquanto as mesmas se adaptam a trazer vídeos em outras plataformas (como o *youtube*), imagens, mapas, poesias, recomendações de livros/filmes, etc. Demonstrando assim que o conhecimento não está sendo construído somente no ambiente formalizado do sistema e-aula, mas na pluralidade

de interações dos indivíduos no meio digital – demonstrando as diferentes formas de “literacia” digital e a movimentação transmídia da *web 3.0*.

Assemelhando isso com o ambiente presencial pré-pandêmico, podemos exemplificar em conversas de corredor, comentários e discussões em aula, ou até mesmo (principalmente importante para nós da antropologia) o simples ato de interagir e observar. Todas essas atividades mantêm sua existência no meio digital, mas tomam outras formas que muitas vezes estão fora do ambiente formalizado do e-aula, e assim muitas vezes invisíveis ao alcance da avaliação acadêmica.

Resumidamente: temos indivíduos já acostumados com uma utilização informal da *internet*, muitas vezes apoiada em um “semianonimato” através de avatares e em fóruns utilizados por hobbistas e baseados em interesses pessoais. No entanto, graças à pandemia e à obrigatoriedade da utilização do meio acadêmico em ambiente *online* agora se veem forçados a interagir com as mesmas categorias hierárquicas presentes no meio acadêmico presencial – mas que previamente não existiam *online*. Fóruns, frases, trabalhos na *internet* agora recebem os pesos de julgamento e de uma seriedade jamais vista na utilização do ambiente digital desses indivíduos.

A partir das conversas previamente mencionadas que tive com alunos, já era notável tal diferença nos meios de comunicação: conversas por aplicativos como *whatsapp* e *discord* eram mais longas e bem mais informais, enquanto aquelas dentro do ambiente e-aula ou por *e-mail* acabavam sendo sucintas e com caráter distintamente formalizado. No entanto, ambas mantinham seus interesses na discussão do funcionamento da disciplina, e mais importante: no conteúdo trabalhado.

A utilização dos fóruns demonstrava somente uma parcela daquele conhecimento que realmente era apropriado pelos alunos, tornava-se uma simples atividade obrigatória que não era realizada para ser uma ativa representação das reflexões deles, pois essas ocorriam em outros meios. Uma percepção intrínseca do “[...] ‘ditar e responder’ característicos da cultura de ‘distribuição do saber’.” (REYNALDO; TORNAGI, 2012).

No entanto, a qualidade dos trabalhos escritos que eram recebidos de forma individual não condiziam com as rápidas e supérfluas postagens nos fóruns. Demonstravam-se na grande maioria das vezes serem resultados de uma alta apropriação do conhecimento apresentado nas disciplinas.

Durante o período pandêmico uma grande ênfase foi dada para a criação de sistemas que ajudassem na utilização correta do e-aula, assim como para também integrar diferentes mídias e materiais que muitas vezes não eram possíveis nas aulas presenciais. No entanto, foi levado pouco em consideração o interesse dessas adaptações pelos alunos, que inegavelmente são os “*end users*” dos sistemas acadêmicos virtuais. Gostaria de esclarecer que essas dificuldades da utilização “correta” do ambiente virtual não podem ser diminuídas e culpabilizadas no corpo docente não acostumado ao ambiente ou ao corpo discente com pouco interesse e engajamento – pois sabemos que ambas dessas situações não representam o que realmente é visualizado no decorrer dos semestres. Assim como nas aulas presenciais, o desenvolvimento do conhecimento dos alunos não ocorre somente dentro de sala de aula, assim como não é demonstrado somente pelas avaliações. Então porque deveríamos considerar que os alunos só podem demonstrar interesse dentro do e-aula? Se há algum tipo de “culpa” para serposta aqui, seria suficiente somente entender as dificuldades da transformação da *internet*, um ambiente considerado informal, para sua consolidação como um ambiente ultra formal e hierarquizado.



4. CONCLUSÕES

Inevitavelmente, o bom proveito do sistema de aulas *online* se deve tanto a sua parte técnica, os docentes, os discentes e os mediadores. Mas é necessário afirmar que a busca por um modelo “perfeito” de utilização não está tão próximo de ser alcançado como muitas vezes é dito.

Cotas de utilização, contagens de interações e avaliações sobre o próprio desenvolvimento do pensamento individual não estão no corriqueiro do uso da *internet*. Com certeza, estamos em uma época onde vemos um aumento expressivo na profissionalização dos serviços realizados dentro do meio digital (ou do trabalho em casa), mas o estar e o “ser” no ambiente digital acaba sendo uma dificuldade para uma grande maioria. A rápida e pouco planejada transformação da vida profissional ou acadêmica a um ambiente não considerado para muitos como mais que uma ferramenta de pesquisa, conversas ou entretenimento acabou sendo inevitavelmente brusca, e nota-se poucas tentativas de amenizar esta situação conflitante.

No entanto, cabe a nós dentro do espaço da universidade notar que as dificuldades de interações e utilizações dos sistemas digitais não são somente graças a adaptação de novas tecnologias ou escassos episódios de alunos não interessados. E sim que é fruto de uma constante movimentação no ambiente acadêmico, que graças a sua rapidez e importância durante um período específico gerou uma miscelânea de maneiras cujos seus agentes interagem nela para tirarem o maior proveito individual possível, e que não é um problema em si que tais maneiras sejam muitas vezes diferentes das ideias utópicas de funcionamento do ambiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, P. Intelectuais e web 2.0/3.0: como pensar, no 3º milênio, a utopia do intelectual. In: SOUSA, C. M. (Org.) **Um convite à utopia**. Campina Grande, v.1, p. 365-398, 2016.

ANDRADE, P. Literacia digital na web 2.0/3.0: investigação e educação em redes sociais e semânticas. In: **LITERACIA, MEDIA E CIDADANIA**, 2., Lisboa, 2013, **Livro de Atas do 2.º Congresso Literacia, Media e Cidadania**. Lisboa, Gabinete para os Meios de Comunicação Social, 2014, p. 334.

DI PROSPERO, C. Antropología de lo digital: construcción del campo etnográfico en co-presencia. **Virtualis**, Zapopan, v.8, n.15. p. 44-60, 2017.

REYNALDO, R.L.P; TORNAGHI, A.J.C. Formação de professores para docência online: tutoria e mediação. In: FERREIRA, G.M.S; BOHADANA, E.D.B; TORNAGHI, A.J.C. (Org.) **Educação e tecnologia: parcerias**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2012. Cap.3. p. 48-70.